

# Velhas práticas no mundo contemporâneo: como a pandemia arrisca mudar as relações internacionais

Jales Caur

*Old International patterns are crumbling; old slogans are uninformative; old solutions are unavailing. The world has become interdependent in economics, in communications, in human aspirations. No one nation, no one part of the world, can prosper or be secure in isolation.*

Henry Kissinger

Em janeiro de 2020, o mundo se deparou com o contagioso vírus causador da COVID-19. Os olhos do mundo se voltaram para a China, até então epicentro mundial do vírus que ainda se concentrava na Ásia, com mais perguntas do que respostas. Infelizmente, ao sair da Ásia e começar a adquirir novas proporções antes não conhecidas pela história recente, foi visto que não somente a alta transmissão era preocupante, mas também as consequências de atitudes irresponsáveis de governantes quanto ao descaso e à descrença no potencial do vírus.

Devido ao alto fluxo turístico, o primeiro país não asiático a enfrentar o real potencial dessas duas variáveis foi a Itália, mais precisamente o norte do país, na cidade de Milão, onde ocorreu a negligência em não se implantar a quarentena, deixando a situação evoluir para uma catástrofe jamais vista, com milhares de mortes por semanas a fio (ALESSI, 2020). Seguindo este mesmo exemplo — de ignorância e justificativas econômicas — há os Estados Unidos, considerado atual epicentro mundial da pandemia, e o Brasil, logo atrás (GAMBA, 2020), agindo como se estivesse na busca de tal título. O atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assim como o do Brasil, Jair Bolsonaro, ganharam os holofotes da mídia ao manter uma atitude despreocupada quanto à situação enquanto os sistemas de saúde e funerário de seus países colapsam aos poucos.

No entanto, no caso de Donald Trump, ao notar a crise montada devido ao número de casos disparados — principalmente em Nova York, novamente destacando a consequência em lugares com um grande trânsito de pessoas — e às diversas notícias de subnotificação pela falta da testagem em massa em primeiro momento e o alto preço dos exames, o presidente adotou um discurso xenofóbico. Em diversas postagens, chamou o novo corona vírus de “Vírus Chinês”, incitando até que tal vírus fora criado em laboratório a fim de fazê-lo perder a chance de se reeleger nas eleições de novembro (BBC, 2020b). Tais represálias também se estenderam à Organização Mundial de Saúde (OMS), acusada de má gestão quanto a crise, tendo seu financiamento cortado por parte do governo estadunidense (PRADO; MIRANDA; FERRARI, 2020).

O mundo, mais do que nunca, mostrou necessitar de uma aliança de cooperação pelo bem maior da humanidade, voltando boa parte dos esforços para a importação de insumos médicos e clínicos para o combate contra o vírus e auxílio aos casos mais graves. No entanto, nesse momento, foi possível analisar a volta dos Estados aos seus modelos primários, desenhados pelos clássicos das Relações Internacionais em sua criação: o Estado como soberano e centrado somente em si. As guerras foram substituídas pela pandemia, as baixas em campo de batalha foram substituídas pelas mortes por falta de leitos e equipamentos adequados e as armas se transformaram em Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs) e leitos de UTI com respiradores.

Essa conjuntura foi percebida no episódio que se tornou famoso como um ato de desumanidade. Tal episódio fora classificado pelo Ministro do Interior da Alemanha, internacionalmente apoiado, como uma espécie de pirataria moderna por parte dos Estados Unidos.

No começo do mês de abril (2020), os Estados Unidos reteve cargas de máscaras do tipo FFP2 – recomendadas para o uso por profissionais de saúde e por outros profissionais que se fazem necessário se expor por várias horas em ambientes de risco – que iriam ser enviadas para a Alemanha, França e o Brasil. A carga, que fora produzida pela multinacional 3M, foi embargada em Bangcoc e logo estornada aos Estados Unidos, apesar de já ter sido negociada com outros países (BBC, 2020a).

Nesse mesmo episódio, a mesma multinacional foi proibida de vender EPIs, tendo como principal razão as máscaras N95, para o Canadá e a América Latina. Segundo o portal de notícias G1 (2020), “a 3M disse o que o governo de Trump pediu para que ela parasse de exportar para o Canadá e para a América Latina, algo que a empresa diz que teria implicações humanitárias significativas e que iria fazer com que outros países retaliassem os EUA”. Ao ser confrontado, o presidente estadunidense revelou que a Casa Branca não concordava com a posição da 3M em manter os propósitos comerciais das máscaras. Por fim, acabou se apoiando em uma lei da década de 1950 que permite às agências de gerenciamento de crise agir perante a iniciativa privada em momentos de necessidade.

O caso mais grave envolvendo o Brasil é a compra feita pelo governo do estado da Bahia junto a um revendedor chinês de 600 respiradores para garantir o abastecimento dos leitos de UTI que foi cancelada de forma unilateral. Nesse episódio, fornecedores chineses foram acusados por países como França e Canadá de cancelar contratos em favorecimento aos Estados Unidos, que estariam a negociar valores exorbitantemente mais altos. O até então Ministro da Saúde, Luís Henrique Mandetta, já havia feito declarações quanto à queda ocorrida nas compras realizadas pelo Brasil (O GLOBO, 2020).

Esses casos são exemplos perfeitamente tangíveis para os pontos em destaques nas relações internacionais do mundo em pandemia: ocorrerão alterações drásticas no multilateralismo e na cooperação tão elogiados e conservados pelos países desde a globalização? As relações bilaterais e o antigo sistema de alianças comerciais voltarão a se fazer presentes? O sistema de multipolar estaria em risco com o atual comportamento de grandes potências como os Estados Unidos?

### **Perguntas que definirão o futuro das relações internacionais**

A fluidez é uma característica peculiar das relações internacionais. Tais relações se dão através de um sistema que, ao mesmo tempo que se mostra complexo e rígido, aparenta ruir com a menor das ações não programadas pelo Sistema Internacional. No fim, tais ações não programadas se tornam pontos de virada e de transformação tanto das relações internacionais quanto do próprio Sistema — como foi o caso da Guerra Fria e do muro de Berlim no século passado para a história. O mundo pandêmico se mostrou capaz de ser um marco na história contemporânea das Relações Internacionais, provocando mudanças e abrindo novos campos de estudo e análise antes não vistos fora de especulações teóricas.

Por exemplo, a posição dos Estados Unidos ao interferir em negociações — como o portal de notícias O GLOBO (2020) informou ao relatar que o genro de Donald Trump mediou as negociações que direcionariam os recursos já pagos de outros países para os Estados Unidos —, acende o debate sobre a possível necessidade de um Estado interventor no pós-crise. Desde o anúncio do fechamento de comércios a fim de reduzir aglomerações, o setor econômico e financeiro não reagiu bem. As principais bolsas de valores, como a brasileira IBOVESPA e as estadunidenses Dow Jones e a S&P 500 seguiram por duas semanas oscilando, acionando diversas vezes o mecanismo de *circuit breaks*[1] semanais devido à alta queda de seus índices.

[2] *Circuit Breaker* é um mecanismo de segurança e autopreservação presente nas bolsas de valores que suspende as negociações em caso de quedas elevadas em seus índices. A bolsa brasileira possui três tipos de suspensão, caso cair 10%, as negociações são suspensas por 30 minutos, se cair para 15%, se suspende por uma hora; caso venha a cair para mais de 20%, as negociações são suspensas por tempo indeterminado.

Devido a essa instabilidade dos mercados financeiros, os Estados Unidos, em março, injetaram cerca de 1,5 trilhão de dólares no mercado a fim de acalmar os investidores e controlar a queda das bolsas (KAFRUNI, 2020). O mesmo ocorreu no Brasil com a alta do dólar e a queda no preço de diversas ações causando vários *circuit breaks* em somente uma semana, na qual o Banco Central interveio “queimando” as reservas de dólar a fim de abaixar a cotação do dólar e impedir que as negociações fossem suspensas (KIRSTEN, 2020). Essas medidas são exemplos explícitos de Estados interventores mesmo em nações tidas como liberais, como os Estados Unidos.

O multilateralismo é algo extremamente valorizado por autores que enfatizam a importância da possibilidade de cooperação de maneira mais simples, efetiva e transparente — em teoria. Nesse cenário, é possível observar uma integração maior de outros agentes às relações internacionais, como atores privados e ONGs, além de reações mais firmes entre vários países. Entretanto, ações como a feita pelos Estados Unidos no episódio dos respiradores, podem ser consideradas como o princípio de uma quebra de confiança generalizada entre as nações e uma maior dificuldade de relações que envolvam comércio, acordos e tratados.

Contudo, o mundo contemporâneo se desenhou através da interdependência, e, se o cenário de desconfiança se tornar algo real, relações bilaterais voltariam a ter força causando o favorecimento de uns ao prejuízo de outros. Retomando o caso dos Estados Unidos como exemplo, mesmo em uma guerra comercial com aumento de impostos e ameaças de sanções e barreiras para dificultar a entrada de produtos chineses em território estadunidense, os Estados Unidos não cogitaram tal cenário antes de transpassar as negociações já feitas a fim de favorecer a própria nação — como um exemplo, também, ao centralização estatal e da soberania. Isso serviria como um impacto direto na atual ordem mundial em certas perspectivas.

Joseph Nye (2020), entretanto, discorda da possibilidade de uma mudança na ordem global na qual a China consegue assumir a posição dos Estados Unidos como maior economia do mundo — posição que o país americano ocupa desde 1945. Em um texto para a *Foreign Policy*, ele aborda também as diversas facetas de outras crises de grande impacto ao mundo e o fato de que uma pandemia — se apoiando na experiência da Gripe Espanhola — não se encontra na lista de maiores ameaças à ordem internacional. Ele exemplifica que, embora a Gripe Espanhola, com sua estimativa de 50 milhões de mortos, (CDC, 2019), tenha matado mais do que a Primeira Guerra, toda a instabilidade que E. H. Carr nomeara de “vinte anos de crise” e culminara na Segunda Guerra Mundial estava relacionada com a Primeira Guerra Mundial, e não com a pandemia. O mesmo com outros eventos, como o 11 de setembro — que possuía consigo o novo inimigo da sociedade ocidental: o terror — e a grande quebra da bolsa em 2008.

Neste momento, as Relações Internacionais estão rodeadas de perguntas e com poucas respostas. É um pouco imprudente tentar respondê-las com tanta certeza em um período tão curto de tempo. Seguindo as definições de Hollis e Smiths (1990), ao responder essas perguntas agora, estaríamos somente explicando o mundo como quem narra uma história sem se atentar aos detalhes necessários — e, que na realidade, podem ainda serem frutos do futuro. É necessário o tempo para que se possa aprofundar as análises a um nível antropológico, no qual se buscará entender, como parte do mundo analisado, as transformações diárias que as sociedades enfrentam com as novas medidas e táticas de sobrevivência usadas durante a pandemia.

## Referências

ALESSI, Gil. Itália pagou preço alto ao resistir a medidas de isolamento social para conter coronavírus. Disponível em: <https://bit.ly/abnt3duLeLZ>. Acesso em: 7 mai. 2020.

BBC. Coronavírus: EUA são acusados de 'pirataria' e 'desvio' de equipamentos que iriam para Alemanha, França e Brasil. **BBC**, 4 abr. 2020. Disponível em: <https://bbc.in/3bTY1qB>. Acesso em: 30 abr. 2020a.

BBC. Coronavirus: Trump stands by China lab origin theory for virus. **BBC**, 1 mai. 2020. Disponível em: <https://bbc.in/2YIAWUj>. Acesso em: 7 mai. 2020b.

CDC. 1918 Pandemic (H1N1 virus). **Centers for Disease Control and Prevention**, s/d. Disponível em: <https://www.cdc.gov/flu/pandemic-resources/1918-pandemic-h1n1.html>. Acesso em: 8 mai. 2020.

GAMBA, Laura. Brazil emerges as next potential coronavirus epicenter. **Anadolu Agency**, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/americas/brazil-emerges-as-next-potential-coronavirus-epicenter/1822092>. Acesso em: 8 mai. 2020.

G1. Trump e empresa produtora de máscaras entram em conflito por exportação para América Latina. **G1**, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3f7HqSn>. Acesso em: 30 abr. 2020.

HOLLIS, Martin; SMITH, Steve. **Explaining and Understanding International Relations**. Nova York: Oxford University Press, 1990.

KAFRUNI, Simone. Estados Unidos vão injetar US\$ 1,5 trilhão no mercado. **Correio Braziliense**, 12 abr. 2020. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/03/12/internas\\_economia,833833/estados-unidos-vaoinjetar-us-1-5-trilhao-no-mercado.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/03/12/internas_economia,833833/estados-unidos-vaoinjetar-us-1-5-trilhao-no-mercado.shtml). Acesso em: 30 abr. 2020.

KIRSTEN, Martin. BC Queima Reservas Cambiais do Brasil para Conter Alta do Dólar. **The Capital Advisor**, 2 abr. 2020. Disponível em: <https://comoinvestir.thecap.com.br/bc-queima-reservas-cambiais-do-brasil-para-conter-alta-do-dolar/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

NYE, Joseph. No, the Coronavirus Will Not Change the Global Order. **Foreign Policy**, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2020/04/16/coronavirus-pandemic-china-united-states-power-competition/>. Acesso em: 30 abr. 2020

O GLOBO. Carga chinesa com 600 respiradores artificiais é retida nos EUA e não será enviada ao Brasil. **O Globo**, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3aUMB4S>. Acesso em: 30 abr. 2020.

PRADO, Antonio Carlos; MIRANDA, Felipe; FERRARI, Mariana. Um confuso Trump corta ajuda à OMS. **IstoÉ**, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/um-confuso-trump-corta-ajuda-a-oms/>. Acesso em: 7 mai. 2020.